

HETAIRIA E ARTICULAÇÃO POLÍTICA: O PRESTÍGIO ENTRE TEIAS DE INTERDEPENDÊNCIA SOBRE AS LITURGIAS DA TRIERARCHIA E KHOREGIAI NA ATENAS DO PERÍODO CLÁSSICO

Alair Figueiredo Duarte⁸⁴

RESUMO

Nos interessa realizar uma breve análise entre as relações de similaridades envolvendo as *khoregiai teatrais* e a *trierachia*. Primeiramente, nossa motivação ocorre porque o tema versando sobre a articulação política dos agrupamentos de cidadãos que se enxergavam como companheiros (*hetairoi*), reunidos em torno de uma liderança política mostra-se pouco analisado pela historiografia. Depois, também encontramos poucos estudos analisando como a articulação política entre os grupos de *hetairoi*, podem fornecer novos sentidos a determinadas *liturgias*.

Palavras-chave: Relações de Similaridade; Khoregiai Teatrais; Trierachia; Liturgias.

ABSTRACT

We are interested in a brief analysis of the similarity relations involving the theater *khoregiai* and *trierachia*. First of all, our motivation is because the theme about the political articulation of the groupings of citizens who saw themselves as companions (*hetairoi*), gathered around a political leadership, is little analyzed by historiography. Then, we also find few studies analyzing how the political articulation between *Hetairoi* groups can provide new meanings to certain liturgies.

Keywords: Similarity Relations; Theater Khoregiai; Trierachia; Liturgies.

O que podemos afirmar sobre as *liturgias* na Atenas Clássica? Ao realizarmos esse questionamento nos remetemos a compreender as motivações que levariam homens livres e dotados de cidadania, a financiarem voluntariamente a construção naval ou a

⁸⁴ NEA-UERJ/LSC-EGN/NEHMAAT- UFF; CEHAM-UERJ/CEHM-UNIRIO.

constituição de um coro teatral na polis dos atenienses. As *liturgias* como nos menciona Claude Mossé, tratavam-se de uma atribuição cívica com fins a custear um benefício público. Na polis dos atenienses, tal responsabilidade recaía sobre os cidadãos abastados (MOSSÉ, 2004:192).

Podemos em linhas gerais, declarar que os cidadãos proeminentes em Atenas colocavam sua fortuna a serviço da comunidade em busca do prestígio. Essa era uma, entre tantas outras qualidades exigíveis para se obter ou renovar magistraturas. Ao obter tais incumbências o cidadão visaria alcançar, além da notoriedade política, honrar seus ancestrais, pois era a oportunidade de perpetuar o nome de sua família na memória da polis. A *trierchia* se tratava de uma das *liturgias* mais onerosas, a finalidade de seu financiamento consistia em equipar uma embarcação de guerra do tipo *trieres*, no entanto, ela não era o único modo de investimento voluntário nos projetos públicos e festivais políades, haviam outros, que de maneira muito breve, enumeramos: a *khoregia* que objetivava treinar um coro teatral; a *hestiasis*, que se ocupa em oferecer um sacrifício seguido de banquete; ou a *arkhitheoria*, a qual encerra em financiar e liderar uma embaixada sagrada; a *hippotrophia*, encarregar-se da manutenção de um cavalo público para as procissões (MOSSÉ, 2004:192).

Nos interessa realizar uma breve análise entre as relações de similaridades envolvendo as *khoregiai teatrais* e a *trierachia*. Primeiramente, nossa motivação ocorre porque o tema versando sobre a articulação política dos agrupamentos de cidadãos que se enxergavam como companheiros (*hetairoi*), reunidos em torno de uma liderança política mostra-se pouco analisado pela historiografia. Depois, também encontramos poucos estudos analisando como a articulação política entre os grupos de *hetairoi*, podem fornecer novos sentidos a determinadas *liturgias*.

Ao mencionarmos a importância das *liturgias* dentro da comunidade ateniense, não podemos deixar de mencionar algumas instituições. Dentre elas, o Teatro possui valor inigualável exatamente por estar no epicentro da movimentação política e

popularidade junto ao *demos*. Em períodos de instabilidade como os de guerra – no qual há intensa articulação política dentro e fora da comunidade políade - os espetáculos dramáticos em exibição ao público ganham maior projeção trazendo aos seus expectadores, variadas reflexões. Tal fato permitirá que nos dias atuais estudiosos do tema, apontem potenciais fins para o uso de seu espaço físico, tanto quanto, compreender as razões pelas quais determinadas personalidades ou temas, acabaram por se tornarem protagonistas nas peças teatrais.

Muitas vezes é possível identificar na abordagem que se faz sobre os temas teatrais da Antiguidade, o apontamento de que os dramas em exibição estavam servindo como instrumento de sedução das massas, ou mesmo como estímulo e oportunidade de reflexão política aos cidadãos da polis. Tais perspectivas, podem ser percebidas desde suas primeiras apresentações ao público.

Segundo Pierre Grimal a primeira tragédia teria sido apresentada na polis de Atenas em 534 a.C., sob o governo de Pisístrato (GRIMAL, 2002, p. 8). Na visão do pesquisador, o tirano teria fomentado integrar o drama teatral ao ritual em honra ao deus Dionísus buscando obter proximidade e diálogo entre ele e o *demos* (Ibidem, p. 28). As peças teatrais tornavam-se interessantes para as lideranças políticas, pelo fato de mesclarem obtenção de prestígio, objetivos não evidenciados, assim como o custo pecuniário dispensado para se financiar um espetáculo teatral.

Não iremos adentrar a seara do debate quanto a gênese dos festivais financiados, buscando definir se teria ocorrido somente a partir do governo de Clístenes, ou da atuação política dos tiranos (WILSON, 2000, p. 13). Contudo, vemos a oportunidade e importância de sinalizar o período que efetivamente elas tornaram-se constantes. O pesquisador Felipe Nascimento em seus estudos versando sobre a performance e atividades corais no teatro, defende que mesmo sem evidências tangíveis de financiamento dos coros teatrais (as chamadas *khoregiai*) centralizadas pelos tiranos, torna-se possível estabelecer a existência das práticas corais no

cotidiano ateniense já no período Arcaico, ainda que se leve em consideração que as competições corais nos festivais, foram estabelecidas somente após as reformas de Clístenes (ARAÚJO, 2018, p. 17-18).

No período Clássico, até o final do século IV a.C., os cidadãos abastados que financiavam a organização do coro, eram denominados *khoregoi*. Eles deveriam fornecer além das custas, tudo que era necessário para a organização do *coro* (GRIMAL, 2002, p. 85). A propósito das *khoregiai* estudos recentes nos indicam que elas não eram financiadas por um único indivíduo, mas sim por um grupo reunido por interesses comuns, coadunavam de um sentimento de camaradagem e cooperação entre os iguais (*isoi*) (PUGA, 2018, p. 19).

Na Antiguidade, financiar um espetáculo teatral em Atenas tratava-se de algo complexo. A primeira tarefa de um *khorego* consistia em uma seleção adequada dos melhores candidatos presentes nas *démoi*. Os selecionados deveriam atuar como dançarinos/cantores (tornando-se *khoreutai*) e a apresentação da performance, requeria um alto nível de disciplina de seus participantes. O *khorego* também deveria providenciar um espaço físico amplo, adequado para os ensaios, o *khoregeion*, pois havia grande número de pessoas envolvidas na competição, aproximadamente mil *khoreutai* por ano (ARAÚJO, 2018, pág. 61). Ainda que o *khorego* não alcançasse a vitória, teria que empreender aproximadamente 1000 dracmas com as despesas relativas ao treinamento e provisões com seu coro musical (*Ibidem*, p. 65).

Apesar de os custos para gerir um espetáculo consumir somas consideráveis, porém os cidadãos abastados assumiriam a responsabilidade em custeá-los visando principalmente, pôr em relevo sua notabilidade e não apenas, obter o valor pecuniário do prêmio concebido ao vencedor. A medida colocava em evidência o zelo em contribuir com o interesse público e, concomitantemente, permitia adquirir prestígio

junto a multidão de cidadãos pobres. Tal perspectiva direcionava diversas *liturgias*⁸⁵ em um mesmo fim, obter hegemonia política sobre os demais *hetairiai*⁸⁶ visando tornarem-se gestores da polis, assim como exercer controle sobre: cidadãos, *metécos*⁸⁷, estrangeiros e aliados.

Portanto, financiar um drama teatral nos festivais das Grandes Dionisias ou Leneias⁸⁸, não se tratava de mera benesse cívica, mas também a possibilidade de os temas oferecidos ao corpo cívico e *metécos*, atendessem ao interesse de cidadãos que se compreendiam como *isoi* e que por isso reuniam-se em prol de um mesmo fim político ou filosófico, constituindo uma *hetairia*. Uma boa evidencia dessa prática, reside no fato de existirem cidadãos abastados que designavam altos valores pecuniários, para que muitas pessoas pudessem assistir as encenações teatrais, os chamados *theorikon*.

Segundo David Kawalko Roselli, financiar os custos das taxas de entrada para aqueles que não podiam pagar, afetavam diretamente a relação social entre seus financiadores e o público, que o enxergariam como um protetor do *demos* (ROSSELLI, 2011, p. 87). Financiadores do *theorikon* ganhavam notoriedade e o tema abordado nos dramas teatrais, poderiam impactar diretamente sobre os interesses da polis. É possível identificar um certo incentivo para que todos assistissem aos espetáculos e muitos que não encontraram meios de garantir seu assento no espaço reservado ao público, buscavam se assentar em lugares não oficiais, procurando a oportunidade de assistir os espetáculos. Aqueles que não tinham garantido um espaço para assistir a

⁸⁵ Certas funções atribuídas aos cidadãos mais abastados, os quais colocavam sua fortuna a serviço da comunidade (Cf. MOSSÉ, 2004, p. 192).

⁸⁶ Políticos influentes tinham em torno de si companheiros dispostos a defender sua política diante da assembleia e a defende-lo diante dos tribunais (Cf. MOSSÉ, 2004, p. 166).

⁸⁷ Estrangeiro residente na polis.

⁸⁸ Dentre os diversos festivais da polis, havia dois principais que interessavam ao comediógrafo: as *Leneias*, realizados em janeiro durante o inverno e as *Grandes Dionísias*, durante a primavera nos meses de março e abril. As *Leneias* eram festivais mais reduzidos pelo fato do clima tornar a navegação inviável e impedir que embarcações aliadas aportassem trazendo maior número de espectadores. Já as *Grandes Dionisias* era um festival com projeção maior, assistida pelo corpo cívico de cidadãos, metecos – estrangeiros que residiam na polis – e aliados em visita.

performance teatral, não se omitiriam em construir choupos na parte superior da arquibancada, as chamadas "visão do álamo". Em conformidade com David Roselli, Cratino referiu-se a este local em uma de suas comédias (fr 372 K-A). O poeta poderia estar abordando esse concurso de fatos, visando despertar o riso no público expectador, como era comum na *Comédia Antiga* (ROSSELLI, 2011, p. 87).

Percebemos que a importância dispensada em poder investir em uma *liturgia* teatral do tipo *teorikon*, torna-se mais um indício de que um financiamento dessa magnitude, buscava atingir fins políticos em maior grau que qualquer manifestação altruísta cívica, pois somente cidadãos - aqueles que possuíam direito de voto - teriam acesso a distribuição desse fundo pecuniário (ROSSELLI, 2011, p. 87). Claude Mossé, menciona que os recursos adquiridos por meio dos *theorikon*, transformou-se em um verdadeiro fundo de emergência para os cidadãos mais pobres e, em dado momento, chegou a se vincular ao caixa militar (MOSSÉ, 2004, p. 273). O valor dispensado para esse fundo tornou-se tão oneroso, que a dinâmica social exigiu mudanças na maneira como essa *liturgia* se operacionaliza. Na era helenística, sob a administração dos grupos oligarcas em Atenas, ocorreu a abolição destas distribuições, possivelmente por estarem diretamente conectadas com mudanças amplas na demografia, afetando proporcionalmente os valores e custos do financiamento dos festivais no teatro (ROSSELLI, 2011, p. 87).

O importuno causado em decorrência dos altos custos investido no financiamento de *liturgias* é uma problemática que preocupava os grupos oligarcas. Já na segunda metade do século V a.C., O velho Oligarca queixava-se do estorvo que seria financiar obras públicas: *Há quem se impressione com o fato de em diversas circunstâncias se concederem mais benefícios à ralé, aos pobres e aos populares do que à elite, mas é exatamente ao defender esta prática que eles preservam a democracia* (P. Xenof.: 1:40). Membros da oligarquia ateniense se indignavam pelo fato de a população menos abastadas, se beneficiar do sistema de governo democrático, no

qual todos detinham igualde no voto. No entanto as despesas públicas, como eles afirmavam, eram distribuídas de maneira desigual. Os cidadãos ricos deveriam sustentar financeiramente todas as despesas com a estrutura de montagem, coro e demais elementos envolvidos, enquanto os pobres não eram afetados pelas mesmas responsabilidades.

Por outro lado, para os financiadores das *liturgias*, beneficiavam-se de elementos que compensavam o peso dos valores pecuniários investidos na organização de festivais, tanto quanto das obras públicas ou construção naval. Entre os cidadãos abastados, o pagamento dessas *liturgias* permitiria ganhar notoriedade e ascensão política sobre seus adversários. Plutarco documentou a *Vida de Péricles* (14 – 15), e nos permite apreender a atmosfera agonística envolvendo as *hetairiai* de Tucídides e Péricles. A esse propósito, versos das comédias de Aristófanes mencionam traços da preocupação por parte de Péricles, em não deixar evidente suas falhas administrativas e de financiamento nas obras públicas.

No discurso de Aristófanes há menção de que Péricles teria tomado decisões políticas capazes de distrair o *demos* de questões importantes para a polis, evitando com isso, agravos judiciais ou mácula a sua imagem pública. Sobre essa especificidade, consta na comédia *Paz* (605-610), uma alusão de que o proeminente líder político teria se envolvido na relação agônica entre Corinto e Mégara, visando desviar a atenção dos cidadãos atenienses quanto as mazelas da sua gestão política.

A questão vem trazer mais uma vez ao epicentro do debate político em Atenas, o tema apresentado em *Acarnese*, 425 a.C., a possibilidade de Fídias – escultor patrocinado por Péricles - ter superfaturado a construção da estátua de Athená no Partenon. Quanto ao desfecho desses fatos, Fídias foi acusado diante da assembleia popular por falsidade de dispêndios e foi punido com o *ostracismo*⁸⁹. Os fatos nos

⁸⁹ Exílio da polis por um período de dez anos. o *ostracismo* era o recurso utilizado para anular o crescimento progressivo de lideranças políticas, que ameaçavam o *poder do demos*. O *ostracismo* era uma punição a todos que de alguma maneira, ou por convencimento dos membros na assembleia, se

demonstram que no *Teatro Grego*, havia um misto de disputa política, moral filosófica e criatividade poética (JAEGER, 2001, p. 414).

Torna-se interessante observar, que inserido na atmosfera agonônica que circulava ao redor das *hetairiai* e suas adversárias, existia o fato de que embora um ataque pudesse ser dirigido sobre um dos seus membros mais proeminentes, a sua saída da cena política não colocaria fim as disputas que envolviam todo o grupo. Nesse embate era comum reconhecer as virtudes adversárias depois que não representasse ameaças.

W. Jaeger ressalta que Tucídides e Péricles eram adversários políticos, porém o autor de *Guerra do Peloponeso* reconhece a honestidade de Péricles e sua competência, afirmando que como homem público, Péricles seria o único capaz de conduzir Atenas a vitória sobre seus adversários espartanos (JAEGER: 2001, p. 465-466). Um dado importante sobre esse panegírico das qualidades de Péricles, é que a afirmação de Tucídides teria ocorrido somente após a sua, ocorrida em 429 a.C. Por outro lado, mesmo sem a liderança personificada de Péricles, seus companheiros de *hetairia* não descansariam para anular o poder do grupo adversário; a perda da estratégica posição de Anfípolis em 422 a.C., foi um argumento irrefutável para o *ostracismo* de Tucídides.

O *agon* entre os grupos políticos na polis dos atenienses, deixa evidenciado a atmosfera de disputa, mobilização e exclusão que pairava nas relações envolvendo mobilização política de cidadãos e instituições políade. Contudo, esse cenário tratava-se de uma identidade do regime democrático ateniense. Uma harmonia agônica que era peculiar aos cidadãos em todas as esferas sociais. A perspectiva deixa transparecer o modo pelo qual o cidadão se relacionava com suas instituições e como eles buscavam contribuir com seus deveres cívicos. Não se eximir de conflitos e disputas políticas e a maneira pela qual atenienses buscavam proteger ou manter suas

tornavam um risco ao sistema democrático. Ninguém estaria isento de ser atingido pelo *ostracismo*, caso a assembleia fosse convencida da sua necessidade.

instituições e o financiamento das *liturgias* não estaria fora dessas concepções. Se sobressair sobre os adversários ou ser o provedor era um princípio moral que legitimava a sua postura como *despotés*⁹⁰.

Algumas *liturgias* detinham uma espécie de poder místico em conquistar corações e mentes de seus cidadãos para serem seus *despotés*, pois permitiam emergir o sentimento de estarem equiparados aos ancestrais que cumpriram seus deveres com o solo pátrio e deixaram um legado as gerações póstumas. A ação pode ser percebida como uma analogia a manifestação das forças divinas que geram e protegem os homens, tornando-os seus beneficiários. Guiados por esse imaginário, os homens deveriam proporcionalmente prover o bem-estar do corpo comunitário. Essa dinâmica envolvendo provedores e os suscetíveis a se tornarem beneficiários das *liturgias*, permitia conciliar a unidade política políade no sentido de todos se compreenderem como parte de um todo (*eutaxia*).

Segundo Stephen Lambert as *liturgias* materializavam a *eutaxia* em sentido estrito, pois ressaltava a boa ordem cívica. Porém, ao analisarmos algumas práticas rituais de formação da cidadania ateniense, é possível identificar a preocupação com a formação de um caráter moral reto. As práticas rituais helênicas que se operacionalizam sob um contexto educacional militar pode ser percebido como um dos meios de ratificação desses termos (LAMBERT: 2012, p. 228). Os princípios *eutaxicos* vivenciados na educação militar ateniense, tinham por finalidade especializar os *efebos* não somente nos assuntos bélicos, mas forjar seu caráter também sobre perspectivas de retidão éticas, morais e religiosas.

⁹⁰ Chefe familiar, soberano, mestre, senhor (Cf. BÖLTING, 1953: 180). A propósito da condição social do *despotés*, Aristóteles no livro I da Política 1252a; entre as formas de comando irá mencionar que o *despotés* encontra-se inserido na relação senhor/escravo. Essa condição abriga outras que são extensão desse exercício de comando: a que se ocupa da administração familiar como chefe de fratria (oikonomia) – a casa como unidade familiar (oikos), a relação marido/mulher = nuppcial (gnaiké) e a relação pai/filho.

A *eutaxia* presente no imaginário ateniense, contribuía na formação do cidadão, incentivando-o a exercer a temperança (*sofrosine*), para que fosse direcionada como justa medida na aplicação da justiça e autocontrole diante do corpo social. Tais fundamentos coadunam a perspectiva pedagógica que o Teatro teria durante o período Clássico, ou seja, educar o cidadão, tal como nos aponta Jan Pierre Vernant. O pesquisador atribui ao Teatro, o epíteto de ser, “*o pensamento social próprio da cidade, o pensamento jurídico em pleno trabalho de elaboração*” (VERNANT: 1988, p. 15). Tais fundamentos encontram-se presentes nas *liturgias* com fins militares, provedoras do princípio filosófico da *eutaxia*.

Aristóteles (*Pol. IV: 1321a*), fará menção ao pagamento das *liturgias* com fins de incentivar a permanência da *eutaxia* no corpo cívico. O estagirita destaca que os fundos levantados com objetivos litúrgicos *eutaxicos*, poderiam contribuir para acentuar as medidas de cunho oligárquico, pois visavam limitar a formação moral e ética a um número reduzido de cidadãos, mais especificamente, aos proprietários de terras. Isto, pelo fato de participarem do mesmo rito de passagem para a vida adulta, tornando-se iguais (*hómoioi*), através do ritual militar de formação do cidadão, a *efebia*.

Percebemos que em Atenas a efetiva aplicabilidade de princípios organizadores de ações éticas-morais - os quais em maior ou menor grau mesclavam-se aos fins administrativos da polis – permitiam aproximar o voluntariado dos cidadãos abastados ao pagamento das *liturgias*. Por consequência esses cidadãos reunidos em *hetairiai*, acabavam se apropriando da potencialidade das instituições políades se integrarem com o *demos* visando atingir seus objetivos políticos. Percebemos também que essas articulações se materializavam no espaço físico do teatro com o financiamento das *khoregiai*, assim como nos estaleiros navais através da *trierarchia*.

A propósito da *trierarchia*, tratava-se de um aperfeiçoamento do sistema litúrgico das *khoregiai*, como defende Brooks Kaiser (2007, p. 03). O pesquisador

afirma que a prática de financiamento voluntário de festivais ou obras públicas, ocorria entre os atenienses desde as reformas de Klistenes em 508/7 a.C. Essa sistematização de *litúrgias* permitia sinalizar a notoriedade dos cidadãos eleitos em contribuir para os serviços públicos da polis, pelo fato de exigirem das finanças políades consideráveis recursos (KAISER, 2007, p. 03). Contudo, Atenas somente irá efetivar a *trierarchia* como um dever em 480 a.C., por ocasião do decreto de Temístocles, como nos menciona Plutarco (*Temist.*, 10).

A *trierarchia* chamava à responsabilidade cívica, um cidadão com posses e prestígio político para que, por um ano, financiasse os recursos e a construção de um *trieres*⁹¹, além de pagar o soldo (*misthoi*), da sua tripulação. A *liturgia* era voluntária e cabia aos *eisphorai* - cidadãos mais abastados. Dentre as razões para o exercício voluntariado da *Trierarchia*, estavam inclusos o alto prestígio adquirido, decorrente da avaliação sobre a provisão do bem público. O proeminente cidadão, poderia ver aumentar a potencialidade de obter apoio das massas pobres de cidadãos em possíveis contendas políticas com seus adversários. Investir no financiamento *litúrgico* da *trierarchia* também atendia os interesses políticos da polis mediante sua postura política externa, atividades de comércio e migração.

A pesquisadora Andrea Leal realizou um mapeamento do processo migratório helênico na Antiguidade e identificou que após as Guerras Greco-Persas, houve a necessidade dos helenos manterem o controle sobre as vias de comércio e escoar a produção artesanal, assim como obter bens escassos como pedras e metais preciosos

⁹¹ Embarcação de guerra com propulsão a vela e a remo de 170 remadores divididos em três fileiras sobrepostas. Era a mais avançada nau de combate no século V e era armada com um aríete de ferro ou bronze na ponta. Seu comando estava subordinado ao *trierarca* que não precisava ser um marinheiro experiente; 1 *Kybernétes*, responsável pelas manobras da nau; 1 *Keulestes*, oficial de remadores; 1 *Proerates* e um *proereus*, oficial responsável pela vigilância da proa; 2 *Toikharkoi*, um responsável pelo bombordo da nau e outro pela boreste; 1 *trieraulos*, tocador de *aulos* responsável pela cadência das remadas; 1 *naupègon*, carpinteiro responsável pela manutenção da embarcação (TAILLARDAT, 1999: 263). Também tripulavam o *trieres* 10 *epíbatái*, infantaria de marinha e 4 arqueiros, *toxotái*. A partir do século IV, os *toxotái* em algumas vezes, passaram a se integrar a *hypereresia* – estado maior do *trieres* (MORRISON and COATES, 1986: 111).

e, sobretudo, terras que pudessem atenuar o inchaço demográfico dos centros urbanos - *asty* (LEAL, 2017, p. 3). A esse propósito é importante ressaltar particularidades envolvendo determinadas regiões como Atenas, localizada na Ática e Argos, no Peloponeso. Segundo Moses I. Finley tais poleis se destacaram frente as outras comunidades helênicas e por isso teriam investido em políticas migratórias, fundando *kleurúchias*, *emporai* e *apoikias*⁹². Estas poleis visavam dar solução ao problema da *stenokhoría*, ou seja, falta de terras para assentar todos seus cidadãos (FINLEY, 1990, p. 109). Portanto, a manutenção de *liturgias* como *trierarchia* e *khoregiai* não podem ser analisados de maneiras isoladas, pois envolviam redes de relações políticas em cujo a sua manutenção, mostrava-se melhor aplicável através de agrupamentos políticos na forma de *hetairiai*. Nesse processo a palavra empenhada expressa ao público, normalmente era proferida pelo cidadão de maior prestígio, o qual assumiria a responsabilidade de cumprir o dever de quitar a *liturgia*, contribuindo para o bem comunitário.

Como nos infere J. I. Armstrong, em todas as fases da vida ateniense o cidadão era motivado a agir em prol do seu grupo social, pois Atenas era uma comunidade que se pautava através da honra e da vergonha (ARMSTRONG, 1949, p. 11). Nesse sentido, financiar uma *liturgia*, além de potenciais vantagens políticas que pudessem ser obtidas, também representaria cumprir seu dever moral como cidadão. Embora possamos encontrar insatisfações quanto aos custos dessas liturgias em documentações que datam o período Clássico em Atenas, não se pode negar que quanto maior o empreendimento, maior a projeção entre os componentes do corpo cívico e maior seria o resultado moral por realiza-la.

⁹²Cleuruchia: assentamento de cidadãos que recebiam um pedaço de terra em território conquistado. Estes indivíduos conservavam todos os direitos de cidadania. Apoichia: assentamento de colonização helênica em que há autonomia em relação a polis mãe. Emporia: entreposto comercial e militar que também funcionava como zona alfandegária e triagem. Nos empórios atenienses no século V a.C. era realizado vigilância militar e recolhidos as *phourias*, além de oferer o primeiro contato com a civilidade ateniense definindo quem poderia acessar o território marítimo ateniense e a *Ágora Central* da polis.

A *trierarchia* tonara-se uma das mais importantes *liturgias* atenienses exatamente pela dimensão de custos e complexidade envolvida. Tucídides (I: 13) destaca que a disponibilidade de fundos para aquisição de materiais necessários a construção naval, assim como possuir know-how, tratava-se de pré-requisitos de curto prazo para a construção de uma frota. No entanto, requisitos de longo prazo por serem fundamentais, eram os que detinham maior importância, dentre eles enumeramos: permitir o acesso ininterrupto a suprimentos (especialmente madeira); instalações permanentes de portos e estaleiros – os quais deveriam ser adequadamente equipados com peças de reposição em seus estoques, deter disponível em seu complexo portuário bons construtores navais e demais pessoas qualificadas – de maneira que tornasse todo o processo naval um sistema de administração eficaz. Também era relevante que o sistema possibilitasse o recrutamento rápido de uma tripulação habilitada e um fluxo constante de receita, para não onerar os recursos limitados do tesouro da polis (ARMSTRONG, 1949, p. 11). Dessa maneira, as *hetairiai* ligadas a construção naval não davam espaço a aventureiros que não conheciam o funcionamento do sistema. Poderia ser um desastre financeiro assumir tal responsabilidade não estando devidamente preparado, sem mencionar o fato de arcar com a responsabilidade do fracasso nos objetivos propostos, diante dos tribunais.

A polis dos atenienses ao início do século V a.C. assumiu a responsabilidade de liderar a *Koyna Délica* e proporcionalmente houve necessidade de acentuar os investimentos para que a frota pudesse atender aos objetivos apresentados, dentre eles: dissuadir inimigos, obter eficaz controle sobre a territorialidade marítima e proteger seus aliados, garantindo os interesses na *Koyna*. Em meados da década de 460 a.C., devido ao crescimento de investimentos navais, manter o tributo da *trierarchia* gerava indisposições entre os cidadãos abastados e ocorreram pressões para o fim da manutenção dessa *liturgia*.

Tucídides destaca que a construção dos *trieres* no exercício efetivo das *Trierarchias* comprometiam de maneira considerável a receita dos cidadãos eleitos a pagá-lo, por isso, atenienses cogitaram a possibilidade de o serviço ser comutado. A medida, como afirma J. K. Davies, são fortes evidências, de que a tecnologia naval se dividia entre aqueles que podiam e aqueles que não podiam arcar com altos custos para o engrandecimento da polis (DAVIES, 2008 p. 30).

Compreender o que motivou ou conduziu um cidadão a assumir a responsabilidade em tornar-se *trierarcha*, financiando a *liturgia* por período de um ano, é fundamental para notar a movimentação política das *hetairiai* diante dos grupos adversários, ou internamente, entre os membros que a integram. As epigrafias que documentam os financiamentos litúrgicos, não deixam margem para se duvidar que em Atenas a questão econômica tratava-se de um importante elemento para a articulação política. Há indicações epigráficas evidenciando que alguns assumiram a responsabilidade pela *liturgia* da *trierachia* por variadas motivações, a saber: por recursos econômicos, liderança política, feito realizado, ou por estarem quitando uma penalidade. Observar o que dizem os traços epigráficos, pode se tornar um profícuo recurso para os que buscam investigar a questão naval em Atenas. Afinal, ter o nome grafado em pedra representava deixar grafado na memória das gerações póstumas, traços da sua responsabilidade com a coletividade cívica, assim como os potenciais méritos ou honraria recebida.

Em conformidade com Rosimary Peck em *Athenian Naval Finance in the Classical Period*, 2001; as informações mais importantes no que diz respeito aos negócios financeiros e administrativos da Marinha ateniense, podem ser encontradas nas epigrafias inscritas nas estelas Áticas. Ao estudar estas inscrições, em particular aquelas conhecidas como as fórmulas "*arithmos*", a pesquisadora destaca a possibilidade de se obter uma visão das práticas navais nos séculos V e IV a.C. Dentre outras coisas, poder-se-á definir como eram eleitos os *trierarchas* (PECK, 2001, p. 1).

Não se pode determinar que a escolha de um *trierarcha* ocorria de uma única maneira. Mary Peck aponta que as *trierarchias* permaneciam opcionais até certo ponto, pois é difícil dizer que o voluntariado em pagar por essa *liturgia* tratava-se de uma unanimidade. O *trierarcha* era elegível de cinco formas diversas: primeiro, pelo voluntariado; segundo – principalmente depois de 358/7 a.C. - os homens poderiam ser formalmente convocados para assumi-la (*epidose naval*). Em terceiro, no caso específico de serem denunciados às autoridades por cometerem algum tipo de dolo e terem que a cumpra-la por definição de sentença. Em quarto, obrigados a financiar a *liturgia* para pagamento de uma dívida; quinto e por último, se fossem considerados mais ricos do que seus adversários políticos (GABRIELSEN, 1994, p. 72 *Apud.* PECK, 2001. p. 11).

Portanto, podemos compreender as razões pelas quais algumas documentações do século V a.C., como Pseudo Xenofonte, conhecido como o Velho Oligarca, apresenta lamentações em custear a frota ou um festival teatral, enquanto a população de baixo recursos apenas se beneficiava disso. Es suas afirmações “*Quanto aos sacrifícios, ritos religiosos, festivais e templos o povo – apesar de saber que é impossível aos indivíduos pobres oferecer sacrifícios, celebrar banquetes, estabelecer novos ritos e viver numa cidade bela e grandiosa –, mesmo assim descobriu uma maneira de fazer tudo isto*” (P. XENOF.: 2.9). Na visão de segmentos oligarcas na comunidade ateniense, a dicotomia: ricos versus pobres, poderosos e não poderosos, tratava-se de um problema a ser resolvido pelo sistema de governo da polis. O sistema de governo democrático permitia o voto igualitário nas assembleias de cidadãos, gerando margem para que adversários políticos pudessem custear benesses as massas, obter apoio dos menos providos de recursos e prejudicarem adversários políticos.

Para anular politicamente um adversário, poder-se-ia criar meios de reduzir seu potencial financeiro, colocando-o em dificuldades de recursos e com isso, impedi-lo de se articular com grupos externo a polis. A inferência pode ser aprendida dos eventos

que ocorreram após a derrota ateniense na Sicília, durante a Guerra do Peloponeso. Após 415 a.C., Atenas perde parte considerável de sua frota e fica em situação militar e econômica difícil. Caso reduzisse o acesso à cidadania, poderia reduzir os gastos militares e equilibrar sua economia política.

Em 411 a.C., as *hetairiai* oriundas da oligarquia ateniense, buscavam implementar uma *politeia oligarca*. Para obterem sucesso em seus objetivos, mantiveram contato com Alcebíades, o qual tentava retornar à polis após o imbróglio envolvendo as estátuas de Hermes, que teve como resultado o seu desterro.

Alcebíades prometia conseguir o apoio financeiro e militar dos persas na guerra contra Esparta, caso sua sentença de banimento fosse abolida e a *politeia* compensasse os interesses Persa. Contudo, as *hetairiai* contrárias a Alcebíades não aceitavam sua volta, o que o leva a se unir aos que apoiavam o sistema democrático. Então, Alcebíades comandando os marinheiros da frota ateniense que se encontrava aportada em Samos, retorna para Atenas e debela as pretensões das *hetairiai* oligarcas (TUCIDIDES: VIII: 47).

O breve resumo de fatos descrito ficou conhecido pela historiografia como *primeira tentativa de golpe oligárquico* e, nos demonstra que a movimentação política das *hetairiai* atenienses, iam além das suas muralhas e fronteiras. Para efetiva eficácia de suas pretensões, os grupos de *isoi*, necessitavam de recursos pecuniários. Logo, em momentos de escassez de recursos ou dificuldades particulares, tornar-se um *trierarcha* poderia também – apesar de toda a honra que a magistratura continha - ser um estorvo.

Todavia, ressaltamos, para que não reste dúvidas, de que a riqueza do candidato a *trierarcha* não se tratava do critério absoluto para ser eleito, pois eles eram nomeados em um número definido (PECK, 2001. p. 11). Portanto, para que se possa bem compreender as motivações que estabeleceram o nome do *trierarcha*, é antes necessário analisar a sequência dos fatos e o contexto social de produção que

conduziu a esse fim. Tal peculiaridade, nos demonstra a complexidade da temática. Nesse contexto, muito embora pudesse ocorrer casos em que o *trierarcha* fosse indicado para a quitação de dívida ou por sentença, não podemos dizer que a *tierarchia* tratava-se de punição para quem a recebia, pois o contexto social de produção do período Clássico aponta que ela não era acessível a quem quisesse, mas sim aqueles que podiam. Diante disso, podemos apreender que os casos de nomeados para *trierarcha* devido ao cumprimento de sentença, tratavam-se de casos que resultaram das articulações políticas entre as *hetairiai*, as quais poderiam criar meios adequados para atingir um grupo adversário. Tendo um dos seus *hetairoi* eleito, o grupo ficaria obrigado a assumir altos gastos e com isso, ter seus recursos enfraquecidos, por consequência, tornando-se impossibilitado de investir ou atuar em outras questões de seu interesse. Tanto quanto, também poderia ocorrer casos de dissensões no âmbito interno das *hetairiai* e um político ficar isolado por seus *hetairoi*.

Como já afirmamos anteriormente, contribuir para o engrandecimento comunitário, representaria estar inserido nas virtudes helênicas (*areté*). A ação também servia para definir aqueles que se mostravam capazes de assumir grandes responsabilidades políticas e conseqüentemente, aqueles que são aptos a comandar a polis (CARTER 1986; GABRIELSEN, 1994). A possibilidade de se reduzir efetivamente o custo de uma liturgia demasiadamente onerosa, como a *trierarchia*, definiria que tipo de articulação política os *hetairoi* realizariam visando determinar quem ocuparia a magistratura. Admitir não ser capaz de custeá-la, também poderia representar a incapacidade de poder assumir a liderança política da polis ou de seus *hetairoi*. É dentro desse contexto que, assim como a *khoregia*, a *trierarchia* ficou restrita a algumas *hetairiai* que ao assumirem a responsabilidade sobre essas *liturgias*, sentiam-se confortáveis para realizar diferentes acordos e compadrios devido ao prestígio político obtido.

A notoriedade política em Atenas repousava sobre o pilar do prestígio e este, tornava-se um fim almejado. Prestígio e articulação política eram concepções que se entrelaçavam. As ações dos *aristhos* acabavam sendo pautadas em maior ou menor grau, por discursos que sobressaltam aquelas cujo a tradição, configura como sendo *areté*. Lutar com honra ou morrer no campo de batalha era considerada uma das maiores virtudes para o homem grego.

Yvon Garlan nos menciona que as ações cotidianas do homem helênico na Antiguidade, sempre esteve próxima do campo de batalha, vivenciada constantemente na sua memória particular, tanto quanto do corpo comunitário (GARLAN, 1991, p. 13-14). O *agon*, vivido no campo de batalha, sempre foi retratado no cotidiano helênico e esteve presente em diversos ambientes daquela sociedade. O teatro, por exemplo, traz toda uma tradição poética, em que o campo de batalha é tema recorrente.

Nas tragédias os dramas apresentados ratificavam no imaginário do sujeito, o ideal da *bela morte* - aquela que só é possível de obter no campo de batalha. É através desse imaginário, que a arena teatral se torna ambiente de *agon* envolvendo poetas trágicos e cômicos, os quais retratam nos espaços físicos do teatro - *orchestra* (espaço em que se situava o coro) e o *logueion* (palco onde os atores representavam) e *theatron* (lugar para ver, onde se sentavam os espectadores) - o ambiente de disputa no qual, todo o corpo comunitário participava como observador e também como participante, pois vivenciavam o drama em exibição.

Era espreitando a epopeia exibida nos dramas teatrais, que o homem tinha a oportunidade de se sentir próximo aos deuses, tanto quanto se identificar com a saga dos heróis, os quais poderiam sofrer arduamente e ainda assim, saírem vitoriosos, deixando um aprendizado ao final. Era esse mesmo espírito de competição e resiliência que circulava por entre os *hetairoi*. Essa atmosfera ratificava as rivalidades políticas entre grupos de aristocratas e oligarcas na busca de prestígio e honrarias.

Fora do ambiente abastado em que viviam *aristhos* e *oligoi*, demais membros do corpo comunitário apesar de não vislumbrarem as mesmas notabilidades, também eram tomados pela mística guerreira presente na sua *civilidade*. Esse ideal guerreiro propiciava encanto e fascinação, dentro de um imaginário que prezava pela honra e pela glória. Durante a *Guerra do Peloponeso*, devido ao longo período em que perdurou o estado de belicosidade entre Atenas e Esparta, os discursos tonavam-se mais eloquentes, transparecendo a retórica eficaz dos *demagogos*⁹³ em alteridade aos méritos militares.

A retórica proferida na *Ágora* ou na *Pnix* possibilitava meios de se ver o campo de batalha por uma nova perspectiva e local distinto. Apesar da dicotomia existente entre campo de batalha e arena política, os dois ambientes possuem em comum, o helênico motivador princípio do *agon*. Por questões peculiares à *civilidade helênica*, o campo de batalha e as assembleias, mostravam-se complementares.

Na Antiguidade helênica, a figura do guerreiro e do político mostravam-se amalgamadas. Não há em sentido literal, como separar a figura do general e a do político. O método do sorteio, parecia ao ateniense o mais justo para se definir o eleito a ocupar uma magistratura. No entanto, nem todas as magistraturas dependiam do sorteio, mas sim de mérito ou condições mínimas de expertise para exercer-las, como podemos exemplificar a *strategia*, o *archontado*, assim como, aqueles que iriam administrar o tesouro da polis. Nesse contexto em dado momento a eficácia retórica de hábeis políticos mostrava-se mais eficaz que a experiência guerreira, conquistada no campo de batalha, pois era necessário um bom discurso que o indicasse como bom aspirante à magistratura.

⁹³ Termo que na Antiguidade, não possuía o sentido pejorativo que percebemos atualmente. Demagogos eram aqueles que detinham o comando sobre o demos. Políticos que estavam ligados a defender a democracia e que obtinham vitória em seus discursos na assembleias do povo, pode defenderem medidas apropriadas a satisfação das massas de cidadãos (MOSSÉ, 2004: 84).

Oradores e sofistas ganhavam espaço em uma sociedade que prezava pelos valores guerreiros, conseguindo ocupar magistraturas nefrágicas para os desígnios futuros da comunidade. Um dos exemplos que podemos citar como bom retórico, trata-se da figura de Cleon, proeminente político ateniense, que não tinha a fama de ser um exímio general, mas era dotado de um discurso eficaz.

Cleon tornou líder da assembleia do povo, após a morte de Péricles e fez uso da sua retórica para incentivar a continuidade dos conflitos entre Atenas e Esparta na Guerra do Peloponeso, principalmente em oposição a Nícias, defensor de uma política ateniense mais moderada. Muitas das figuras proeminentes da política ateniense eram excelentes generais, mais nem tanto eloquentes, fato contrário também poderia ocorrer com os hábeis *demagogos*.

Segundo Yvon Garlan, foi essa relação de expertise no campo de batalha em alteridade a excelência retórica nas assembleias - seja sobre a gestão de negócios públicos ou para se renovar a magistratura como *stratego* – bons generais se uniram a competentes *demagogos* nas assembleias formando verdadeiras corriolas (GARLAN, 1991, p. 140). Nessas articulações que envolveram *demagogos* e o exercício de magistraturas de prestígio como *strategia* e *trierarchia*, a articulação política das *hetairiai* encontravam campo fértil.

As *hetairiai* ao se articularem politicamente acabavam formando *Teias de interdependência*⁹⁴, pois os indivíduos quando estão ligados uns aos outros, criam um modo específico de dependências recíprocas, cuja reprodução, supõe um equilíbrio móvel de tensões. Ao tornarem-se ligados uns aos outros, permitem deslocar diversas

⁹⁴ A teoria sociológica formulada por Elias concebe sua tarefa como a de analisar os processos sociais baseados nas atividades dos indivíduos que, através de suas disposições básicas - suas necessidades - são orientados uns para os outros e unidos uns aos outros das mais diferentes maneiras. Esses indivíduos constroem teias de interdependência que dão origem a configurações de muitos tipos: família, aldeia, cidade, estado, nações. O conceito de configuração pode ser aplicado onde quer que se formem conexões e teias de interdependência humana, isto é, em grupos relativamente pequenos ou em agrupamentos maiores. Elias não aceita o pressuposto de que as sociedades têm fronteiras e limites especificáveis, pois as cadeias de interdependência escapam a delimitações e definições abrangentes.

oposições, mesmo aquelas que não são recorrentes no âmbito restrito do seu nicho social. Os homens admitem se relacionar com posturas políticas ou práticas sociais diferenciadas das suas sem perder a identidade, tanto as que são originadas pelos costumes – sociais – quanto aquelas que são defendidas pelos discursos políticos - filosóficos (NORBERT, 2001, p. 13). Desse modo, os sujeitos acabam permitindo um sistema de interdependência e vigilância entre si. Identificamos que era através de sistematização análoga a essa, que a articulação política das *hetairiai* em Atenas atuavam. A esse propósito citamos o fato de a comédia *Nuvens*, apresentada por Aristófanes em 423 a.C., permitir que disputas entre *aristhos* e *oligois*, visando atingir estrangeiros residentes na polis (*metécos*) e o culto a suas divindades pátria, contribuísse para a condenação de Sócrates no ano de 399 a.C., mesmo o filósofo não sendo estrangeiro.

A influência de hábeis *strategois* diante de seus comandados, também era um meio que motivava *demagogos* a se aliarem a comandantes militares. Esses *demagogos* buscavam obter certeza quanto a vitória de seus protestos nas assembleias de cidadãos, em que o prestígio desses líderes militares pesasse sobre a decisão daqueles que neles confiavam, por terem sido seus comandados. Essa era uma das maneiras com a qual o *trierarcha* garantia a manutenção da sua influência política e da sua *hetairia*. Costuravam alianças políticas junto a eloquentes oradores, certos de que teriam o apoio das massas por terem comandado marinheiros oriundos da sua tribo ou *tritias* (Armstrong, 1949, 100-101, *Apud*. PECK, 2001, p. 12).

Esses marinheiros eram homens pobres e simples, sem altos recursos financeiros; viam em seu *trierarcha* a extensão política das embarcações tripuladas em conjunto por eles. Esses cidadãos, em sua maioria não possuíam propriedade agrária, não detinham condições retórica de discursarem em uma assembleia e era por meio da *teia de interdependência* com seu *trierarcha* que teriam seus interesses em debate. Diferente das afirmações de uma parte da historiografia, esses cidadãos eram ciosos

da sua importância social enquanto grupo, pois, ao tracionarem os remos dos *trieres*, objetivavam impulsionar a polis à hegemonia política por meio de um poder *talassocrático*⁹⁵. Percebemos a análoga desse fenômeno, quando o *khorego* definia aqueles que foram selecionados para integrar seu coro teatral. Entram em evidência a força e o valor que os atenienses davam as atividades em grupo. Tais atividades somente poderiam encontrar eficácia se estivesse inserida em *teias de interdependência*. As quais, não estavam restritas ao universo dos bem-nascidos que se agrupavam em diversas *hetairiai*.

Desse modo, concluímos que mostra-se um tanto imprudente afirmar, que os segmentos menos abastados do corpo comunitário ateniense, eram apenas beneficiários do sistema democrático de governo adotado pela polis, sobretudo, que não eram ativos politicamente. Tais cidadãos, diante dos demais integrantes do *demos*, identificavam sua alteridade e sabiam muito bem, o que deviam negociar. Nesse sentido, *liturgias* como a *khoregia* e a *trierarcha* mostravam-se como oportunidade de estabelecer *teias de interdependência* dos segmentos aristocráticos e oligárquicos com os menos providos de recursos da comunidade ateniense. Na relação entre estes segmentos sociais há uma farta ocorrência de fatos que demonstrem situações de embate e negociações. Como evidência, citamos os eventos ocorridos em 411 a.C. citada anteriormente nesse breve ensaio abordando traços comuns entre as *liturgias* da *trierarchia* e da *khoregia*. A esse propósito, tanto a arena teatral quanto a estrutura de madeiras dos *trieres*, tornavam-se locais de vivenciar e exercer a articulação política. Fosse no embate entre as *hetairia* de bem-nascidos, ou por aproximação junto aos demais grupos de cidadãos que integravam o *demos*.

BIBLIOGRAFIA

⁹⁵ Poder marítimo que se estabelece a partir de uma força bélica no mar, permitindo a realização do comércio e dissuadindo inimigos e piratas no mar.

ARAÚJO, Felipe Nascimento. *Os coros musicais como lugar antropológico na comunidade política de Atenas no processo de instauração da isonomia em Clístenes no final do século VI a.C.* (Dissertação de Mestrado). RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pós-graduação em História Política: 2018.

ARISTÓPHANES *Les Cavaliers – Les Nuées*. Teste établi par Victor Coulon et traduit par Hilaire Van Daele. Ciquième Édition revue et corrigée. Paris: Boulevard Raspail, 1952.

_____. *Aves*. Tradução de Maria de Fátima Sousa Silva. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *A Paz*. Versão do grego; Maria de Fátima de Souza e Silva. Coimbra: Edição Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

ARISTÓTELES. *A Constituição de Atenas*. Tradução: Francisco Murari Pires. São Paulo: Editora HUCITEC, 1995.

_____. *A Política*. Tradução; Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Editora Atena 1957.

Edição Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

ARMSTRONG, J. I. *The Trierarchy and the tribal organization of the Athenian navy* Ann Arbor, Mich.; London: University Microfilms, 1979. (Ph.D., Princeton University, 1949).

CARTER, L. B. *The Quiet Athenian*. Oxford, Clarendon Press, 1986.

COALT, J. F.; PLATIS, S. K. and SHAW, J. T. *The Trirreme Trials 1988: report on the anglo-helênic sea trials of Olympias*. Oxford: Oxbow Books, 1990.

DAVIES, J.K. *Greece after the Persian Wars*. In. *The Cambridge Ancient History Second edition Volume V. The Fifth Century B.C.* Cambridge Histories Online © Cambridge University Press, 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução: Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FINLEY, Moses I. *Estudios sobre Historia Antigua*. Editorial Akal, 1990.

- GABRIELSEN, V. *Financing the Athenian Fleet: Public Taxation and Social Relations*. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1994.
- GARLAN, Yvon. *Guerra e Economia na Grécia Antiga*. Tradução de Claudio César Santoro. SP: Editora Papyrus, 1991.
- GRIMAL, Pierre. *Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Moreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KAISER, Brooks. *The Athenian Trierarchy: Mechanism Design for the Private Provision of Public Goods* The Journal of Economic History · June 2007, Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/4855869> Acesso: 05/06/2014.
- LAMBERT, Stephen. *Inscribed Athenian Laws and Decrees 352/1-322/1 b.C.: epigraphical essays*. Leiden/Boston: Brill, 2012.
- LEAL, Andréa Magalhães da Silva. *O lugar antropológico identitário dos helenos da apoikia de Lócris Epizefiri em torno dos santuários de Afrodite, no século V a.C.* (Dissertação de Mestrado). RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pós graduação em História Política: 2017.
- MORRISON, J. S. and COATES, J. F. *The Athenian Trireme: the history and reconstruction of an ancient Greek warship*. London; New York; New Rochelle; Melbourne; Sidney: Cambridge University press, 1986.
- MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução de Carlos Ramallete / com colaboração de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- PECK, Rosimary. *Athenian Naval Finance in the Classical Period The trierarchy, its place in Athenian society, and how much did a trieres cost?* Leicester: The School of Archaeological Studies The University of Leicester Press, 2001.
- PSEUDO XENOFONTE. (Velho Oligarca). *A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices de Pedro Ribeiro Martins. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Theseo, Rômulo, Licurgo, Numa, Sólon, Púbicula, Temístocles, Camilo Péricles, Fábio Máximo*. São Paulo: 1ª Vol. Editora PAUMAPE S.A, 1991.

PUGA, Dolores. *As disputas políticas na arena do teatro ateniense: um estudo comparado das hetarerias de Eurípedes e Aristófanes (415-405/4 a.C.)*. RJ: (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2018.

ROSELLI, David Kawalko. *Theater of the people: spectators and society in ancient Athens*. University of Texas Press 2011.

TAILLARDAT, J. *La trière athénien et lá guerre sur mer aux Vª et IVª siecles*. In:

VERNANT. *Problèmes de La Guerre em Grèce ancienne*. Paris: Ed. École dès Hautes Études em Sciences Sociales, 1999.

THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Translated by Rex Warner, with an Introduction and Notes by Moses I. Finley. New York: Penguin Grup, 1972.

TRABULSI, José Antônio Dabdab – Ensaio sobre a mobilização Política na Grécia Antiga – UFMG – 2001.

VERNAT, J. Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Editora Brasiliense 1988.

WILSON, P. *The Athenian Institution of the Khoregia: the Chorus, the City, the Stage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.